

Carência e exclusão social na Massaranduba

D. Miúda e seu compadre

Não se pode falar em Massaranduba sem lembrar das deliciosas crônicas escritas pelo radialista Armando Oliveira, focalizando aspectos sociais não só do bairro, como de toda periferia da cidade. Os personagens criados por Oliveira, a exemplo de D. Miúda, viúva, pensionista do INSS, e seu compadre o "xodó" Antônio Bispo, amante de uma boa farra e inimigo do trabalho, fizeram e ainda fazem muito sucesso. A realidade das famílias pobres do bairro é mais dura, mas os moradores não perdem o senso de humor para falar de suas dificuldades.

Na Baixa do Petróleo e na Mangueira II, áreas onde há palafitas, a comunidade aguarda dias melhores. Mariângela Queirino, 31 anos, quatro filhos, que mora numa das casas fincadas na maré, afirma que já se acostumou com o mau cheiro causado pelas águas fetidas e também pelo acúmulo de lixo na área. Seu marido faz biscoite para garantir a sobrevivência, mas ela não perde a esperança.

"Muitos que hoje estão morando em casa de tijolo começaram invadindo, construíram barracões de madeira. Um dia chega a minha vez", assinala, contando que a Urbis já está realizando intervenções na área. Elizete Maria Cruz, integrante da Associação de Moradores Gregório de Mattos, e Maria do Carmo Teixeira, diretora do Clube de Mães, recla-



Maria do Carmo dirige o Clube de Mães

mam da deficiência do transporte (a empresa Monte Serrat só cobre as linhas Itaigara, Forte de São Pedro e Lapa) e que o 10º centro de Saúde não atende à demanda, além de um posto policial para dar mais segurança ao bairro.

Creche

Outra reivindicação dos moradores é uma creche. Como as famílias são numerosas, os pais que trabalham têm dificuldade em encontrar um lugar para deixar seus filhos. O coordenador da Associação de Moradores da Mangueira, Manoelito Oliveira, reivindica pavimentação asfáltica nas ruas, acrescentando que no local conhecido como Mangueira o abastecimento de água é irregular.



O bairro da Massaranduba, localizado na Cidade Baixa, conserva, ainda, alguns aspectos de uma pequena cidade interiorana. É comum ver moradores sentados nas calçadas, conversando ou jogando domino. As casas, juntinhinhas uma das outras, dão outro aspecto de província à área, assim como a existência de trabalhadores de pequenos ofícios, como os sapateiros. Massaranduba, que tem um nome sonoro, é fonte de inspiração de cronistas, sobre com os problemas crônicos de infra-estrutura e tem a população carente, principalmente os jovens, fortemente atingida pelo desemprego. A comunidade é hospitalar, uma maneira geral, gosta de onde vive, mas reclama mais atenção por parte das autoridades competentes.

EDUARDA UZEDA

As palafitas construídas na maré, símbolos contundentes da miséria e exclusão social, são um recorte que identifica parte da origem histórica e econômica do bairro da Massaranduba, criado a partir da ocupação dos desvalidos e atermos da área hoje conhecida como Baixa do Petróleo. Quem visita o bairro, densamente povoado e com ruas apertadas, mesmo que queira, não pode tirar esta imagem da cabeça. Imagem de crianças desnutridas que brincam na maré fétida, de mulheres pobres e maltratadas que caminham com uma desenvoltura invejável nas passarelas de madeira, de homens que, antes de qualquer atividade de labor, cheiram a segurança dos sítios, metáforas vivas do desequilíbrio e desigualdade social.

Massaranduba, palavra tupi-guarani que significa madeira de lei muito resistente, é uma espécie de primo pobre de Itapagipe. Com uma população estimada em 80 mil habitantes e limitado pelo Jardim Cruzeiro, Uruguai e Ribeira, enfrenta, a exemplo de outros bairros pobres, carência de infra-estrutura urbana – saneamento básico, pavimentação asfáltica –, sofrendo com a irregularidade no abastecimento de água e sistema de transporte precário.

O bairro, que antes era praticamente maré, se ainda conserva a imagem forte das palafitas



Pavimentação é privilégio da Rua Santos Titara e moradores reclamam da falta de infra-estrutura

gucira, hoje cresceu e apresenta um grande número de casas inacabadas, inclusive muitas de dois andares, construídas irregularmente, além de pequenos centros comerciais. Os moradores mais antigos, preocupados com o desemprego que atinge principalmente os jovens, lembram que a Cidade Baixa em tempos idos abrigou muitas indústrias, que privilegiavam a mão-de-obra da região.

Diversão

Massaranduba, que hoje possui uma setoraria e modestos estabelecimentos comerciais, já teve a fábrica da Pepsi, a Bahiana Sisal, a fábrica de tecidos Pizzane, além da distribuidora da Bombril. Vulmír Santos da Mata, 45 anos, nascido e criado no bairro, lembra, também, que a Cidade Baixa ainda tinha a Empório, a Souza Cruz, a Chadler, a Celeste (fábrica de sabão) e a Café Cravo. Santos reclama também a falta de um grande supermercado ou agências bancárias. "Hoje a maior parte dos jovens não encontra trabalho e termina se juntando aos mais velhos nos jogos de baralho e domino", acentua.

O lazer é outra queixa dos moradores. O estudante José Carlos Purificação, 25 anos, nascido e criado no bairro, destaca que os moradores da área buscam diversão no Largo do Papagaio e clubes dos Oficiais e Itapagipe, respectivamente nos Dendêzeiros e Ribeira. Alguns aproveitam o tempo livre para disputar um baba no Campo do Lasca.

bém não dispõe de um shopping center, algumas moradoras fazem compras no Bahia Outlet Center, no Uruguai, que tam-

bém tem entre seus clientes, segundo os moradores, um grande número de donas-de-casas de bairros nobres.

Um morador internacional



O bairro Região 1 da "Hollyfield" da Silva Andrade, ídolo internacionalmente conhecido do boxe, é um morador ilustre de Massaranduba. Campeão brasileiro, sul-americano unificado, interamericano e pentacampeão na categoria dos super-médios, entre outros títulos, Hollyfield, 32 anos, casado com Iracilda e pai de Pamela, Catarina e Viviane, é um exemplo para os meninos que querem se dedicar ao esporte. Ele gosta do bairro, onde nasceu e foi criado, e a única coisa que tem é a falta de um espaço para a prática de esportes na área, aliás sua maior reivindicação.

"Hollyfield" começou a praticar o boxe amador com a idade de 12 anos, como uma forma de distração e necessidade. Filho de família pobre (não encarregada do sustento da família), trabalhou em várias profissões, como ajudante de pedreiro e pintor, enquanto treinava boxe. Emocionado, conta que devido

que o boxe seria parte integrante de sua vida depois que viu uma luta de Muhammad Ali – ou Cassius Clay – vencendo um adversário. "Depois disso vi que minha vida não poderia seguir fora dos ringues", acentua.

"Hollyfield" é fiel a suas origens, é uma pessoa muito querida em Massaranduba. De uma maneira geral, todos elogiam a sua simplicidade. O bairro, que tem problemas também no que diz respeito à crescente marginalização, tem no boxeador um exemplo de luta contra as adversidades. Seu sonho é ter uma academia de boxe para ajudar as crianças pobres e fazer com que elas cresçam no esporte.

O boxeador baiano, que é um homem pacato, mostra que não perde sua humildade procurando esquecer do tempo que quis se filiar à Federação Bahiana de Boxe e foi discriminado por ter morador de Massaranduba, há alguns anos tudo como muito violento.